

Mulheres Apaixonadas: violência como retrato da nação¹

Paulo José de SOUSA²

Clarice GRECO³

Universidade Paulista-UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo deste artigo é estabelecer uma relação entre a violência urbana da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, reexibida em 2023 no programa *Vale a Pena Ver de Novo*, com a violência não ficcional. Como metodologia, faremos uma análise de conteúdo inspirada em Bardin (2016), nas cenas do capítulo 150, na sequência em que Fernanda (Vanessa Gerbelli) e Téó (Tony Ramos) são vítimas da troca de tiros entre a polícia e bandidos no Leblon, bairro nobre da capital do Rio de Janeiro. A violência urbana e o desarmamento foram temas de discussão pública, repercutiram na ficção e fora das telas. A temática é presente no Brasil, o debate traz a percepção da urgência de mudanças nas questões de segurança pública.

PALAVRAS-CHAVE: Rede Globo; Telenovela; Manoel Carlos; Violência Urbana; Bala Perdida.

Introdução

A telenovela *Mulheres Apaixonadas* exibida pela primeira vez na TV Globo em 2003, foi reexibida no programa *Vale a Pena Ver de Novo*, nos anos (2008 – 2009; 2023), no Canal Viva (2021) e disponível na plataforma Globoplay. A reexibição da telenovela no ano de 2023 é oportuna, por isso é relevante. Após 20 anos da primeira exibição, o tema violência urbana abordado na ficção continua atual. A violência é um problema estrutural da nação, lugar onde o povo convive em estado de pânico. A telenovela como local de debates ajuda a apurar a percepção crítica do telespectador. Em concordância,

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, evento do 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP em Comunicação. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Email: pajsou@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP. Pós-doutora, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais. Projeto FAPESP 2018/11635-0. Email: claricegreco@gmail.com

Lopes (2003, p. 26) pontua que “a novela se tornou um veículo que capta e expressa a opinião pública sobre padrões legítimos e ilegítimos de comportamento privado e público, produzindo uma espécie de fórum de debates sobre o país”. *Mulheres Apaixonadas* (Globo, 2023) tem como tema central a força das mulheres para encarar e superar dificuldades, como pano de fundo traz para discussão múltiplas tramas que abordam diferentes eixos temáticos das violências, que dialogam e refletem a realidade social brasileira. Dentre elas, destacamos neste texto a violência urbana, mas vale lembrar núcleos que retratavam outros tipos de violência, como a violência doméstica que a personagem Raquel (Helena Ranaldi) sofria de seu marido Marcos (Dan Stulbach), que ficou marcada pelo uso de uma raquete de tênis. A trama trouxe também a violência contra idosos exercida pela personagem Dóris (Regiane Alves) contra seus avós Leopoldo (Oswaldo Louzada) e Flora (Carmem Silva). A repercussão das cenas de maus-tratos é mencionada no Estatuto da Pessoa Idosa no Senado Federal, pois teria acelerado a tramitação da proposta.

Uma característica da telenovela é a intertextualidade, pela qual os problemas da sociedade dão uma face realista à trama, uma vez que, conforme afirma Santos (2018), os dramas pessoais são focados na família, cotidiano e realidade. Ao explorar as diversas narrativas centradas em temáticas sobre a violência, o dramaturgo Manoel Carlos fez uso de cenas “fortes” de modo contundente, ao mesmo tempo, suscitou valor e sentido às discussões em pauta. Como modo de reflexão, Esslin (1978, p. 24) define o drama como “forma mais concreta na qual podemos pensar a respeito de situações humanas”, como as contextualizadas em *Mulheres Apaixonadas*. Portanto, a violência pode ser entendida como crítica social, logo, a ficção dá visibilidade aos problemas da sociedade, e de acordo com Lopes (2003), a telenovela ajuda a dar o tom aos debates. A visibilidade defendida acima pode sensibilizar o telespectador e legitimar as mudanças sociais necessárias.

A fusão dos domínios do público e do privado realizada pelas novelas lhes permite sintetizar problemáticas amplas em figuras e tramas pontuais, e ao mesmo tempo, sugerir que dramas pessoais e pontuais podem vir a ter significado amplo (Lopes, 2003, p.28).

A telenovela, como mediadora entre a realidade e a ficção, alcançou status relevante, pois as tramas ficcionais tratam de temas da realidade brasileira. Essa junção é definida por Lopes (2003) como narrativa da nação. Segundo a autora, “É possível afirmar que a telenovela no Brasil conquistou reconhecimento público como produto

artístico e cultural e ganhou visibilidade como agente central do debate sobre a cultura brasileira e a identidade do país” (Lopes, 2003, p. 17). Na mesma esteira, quando Wolton (1996) aborda as potencialidades da telenovela brasileira, define-as como agentes do laço social e assinala que todas as classes sociais assistem à telenovela. O autor reitera que “é preciso sublinhar ainda a sua importância como espelho da sociedade, ao mesmo tempo que fator estruturador da identidade brasileira” (Wolton, 1996, p.164).

Metodologia de pesquisa

Em nosso estudo, pretendemos estabelecer uma relação entre a violência urbana abordada na telenovela *Mulheres Apaixonadas* e a violência contemporânea não ficcional, cuja metodologia será baseada na análise de conteúdo conforme Bardin (2016). A autora propõe que o estudo seja organizado em três fases: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação dos resultados” (Bardin, 2016, p.125). Nossa análise terá como base as cenas do capítulo 150, na sequência em que Fernanda (Vanessa Gerbelli) e Téo (Tony Ramos) são vítimas de balas perdidas da troca de tiros entre a polícia e bandidos, em uma Rua do Leblon, bairro nobre da Zona Sul, Capital do Rio de Janeiro. Na sequência, faremos um agrupamento dos principais comentários das personagens relacionados à violência no Leblon, ocorridos nos capítulos 151 e 152, a fim de refletir sobre a perspectiva de classe nos diálogos em relação à violência urbana.

A violência urbana como narrativa da nação brasileira

A telenovela *Mulheres Apaixonadas* traz uma narrativa que explora temáticas do cotidiano da nação brasileira, Santos (2018) defende que a violência é um dos temas que sustentam a trama e o enredo das telenovelas, portanto, a violência urbana em *Mulheres Apaixonadas* pode ser um “retrato” do que constitui o cenário de problemas do Brasil.

Em nossa análise, concordamos que a telenovela é o “espelho da sociedade” Wolton (1996, p.164), a ficção aborda assuntos reais, logo podemos pensar que a falta de segurança pública não é exclusividade da periferia, tradicionalmente um local onde

as opressões brotam dos problemas sociais, todavia, a falta de segurança também está presente no bairro “nobre”. Atrás dos muros de suas mansões ou em seus apartamentos de luxo, a elite leva a vida no “piloto automático”, parecendo que não há nada errado.

Contextualizando com a violência da telenovela, Castel (2015) defende que a insegurança atua em duas dimensões ao mesmo tempo, nas esferas social e civil. A troca de tiros entre a polícia e os bandidos impacta a população de diferentes formas, assim sendo, com medo dos tiroteios estudantes deixam de ir à escola, as pessoas não vão ao trabalho. A economia é impactada, a cidade “para”, os serviços de transporte deixam de operar, a saúde que é “tradicionalmente” uma área carente também é afetada. Em entrevista à revista Exame⁴, o Instituto Fogo Cruzado traz o levantamento sobre a violência no Rio de Janeiro. A pesquisa mostrou que, entre os anos 2016 e 2022, mil pessoas morreram ou foram vítimas de balas perdidas na região metropolitana do Rio de Janeiro.

O Atlas da Violência (2023) faz um panorama e tabula dados de homicídios do país através da pesquisa⁵ nacional, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O instituto informa que, no ano de 2021, o Brasil registrou 47.847 homicídios, sendo 33.039 por arma de fogo. O Atlas defende que o Estado foi incapaz de identificar as causas de 49.413 homicídios ocorridos entre (2011- 2021). Outro dado importante, o relatório, indica que, no ano de 2022, 6.429 homicídios tiveram intervenção policial.

A posse de armas pela sociedade retroalimenta o ciclo da violência, o Atlas da Violência (2021, p.91) avalia que “inúmeras mortes ocorrem com o uso de armas que em algum momento foram legais, mas foram roubadas e extraviadas e terminaram sendo reutilizadas para tirar a vida de alguém no curso de atividades criminosas”. Essa prática potencializa a violência urbana, colocando em risco a população.

No ano de 2005, dois anos após a primeira exibição de *Mulheres Apaixonadas*, a população brasileira foi consultada sobre a proibição do comércio de armas de fogo e munições. O “Referendo⁶” do ano 2005 previa uma alteração no Estatuto do Desarmamento (Lei nº10.826/2003). O novo texto iria impactar a indústria de armas e a

⁴ Fonte: <https://exame.com/brasil/em-6-anos-mil-pessoas-foram-vitimas-de-bala-perdida-no-rio-de-janeiro/> Acesso: 29/04/2024

⁵ Fonte: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/4850-dashhomicidiosbrasilfinalconferido.pdf> Acesso: 04/05/2024

⁶ Fonte: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/plebiscitos-e-referendos/referendo-2005> Acesso: 13/06/2024

sociedade, o povo deveria concordar ou não com o Referendo⁷. A alteração na lei foi rejeitada pela população. A discussão sobre a flexibilização do acesso às armas de fogo foi assunto de discussão nos últimos anos, principalmente na campanha eleitoral para presidente em 2018.

A telenovela *Mulheres Apaixonadas* reforça a sua importância quando promove uma ação socioeducativa, cujo objetivo foi apoiar o movimento Viva Rio, que defendia o Estatuto do Desarmamento⁸. O Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) promove ações com o objetivo de regularizar armas, tirar de circulação as ilegais e incentivar o desarmamento. Atualmente, o decreto⁹ de armas 11.366, de 1º de janeiro de 2023, suspende o registro para emissão, aquisição e transferência de armas e munições. Essa limitação está definida para caçadores, colecionadores, atiradores e particulares. O decreto também limita a quantidade de armas permitidas por cidadão comum. O Ministério defende que as normas regulamentadoras são o caminho para se alcançar a “paz social no país”.

De acordo com as pesquisas citadas neste artigo, os indicadores apontam que há um descontrole sobre as armas de fogo no Brasil, apesar dos esforços para controlá-las, o Ministério da Justiça e Segurança Pública não é capaz de eliminar a circulação de armas originadas pelo tráfico, nem tão pouco coibir o roubo¹⁰ de armamentos e munições de entidades como as Forças Armadas, por exemplo.

A trama de Fernanda e Téo

No início da trama, Fernanda (Vanessa Gerbelli) é apresentada como ex-garota de programa. Devido à gravidez, a jovem deixou a prostituição, atividade de onde tirava seu sustento, ela teve gêmeos de um homem que não assumiu a paternidade. Sem condições de criar os dois filhos, Salete (Bruna Marquezine) e Lucas (Victor Curgula), Fernanda entregou o menino para adoção, que foi acolhido pelo casal Téo (Tony Ramos) e Helena (Cristiane Torloni). Fernanda vivia a angústia e o tormento provocado

⁷ Segundo a Câmara Legislativa, referendo é uma das formas de consulta popular prevista na Constituição Federal (Art. 14, incisos I e II), ocorre após uma decisão do governo, ou seja, a população é consultada sobre a validade de uma medida já realizada.

⁸ Estatuto do Desarmamento: dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, define crimes e dá outras providências.

⁹ Fonte: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/mj-sp-atinge-99-de-recadastramento-de-armas-de-fogo> Acesso: 26/05/2024

¹⁰ Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/as-conexoes-por-tras-do-maior-roubo-de-armas-da-historia-do-exercito> Acesso: 26/05/2024

pela ausência de seu filho e pela própria condição social. Para Motter (2003), as histórias das personagens vêm do cotidiano de pessoas e sociedade, logo, em *Mulheres Apaixonadas*, a trama ficcional apresenta uma progressão da violência, explora uma realidade concreta rodeada de conflitos e complexidades.

Fernanda tinha uma vida sofrida, era rotulada de ex-garota de programa, sofria por um amor não correspondido de Téo, carregava culpa por entregar seu filho para adoção. A jovem vivia uma relação conturbada com sua mãe, que a extorquia, a acusava de fracassada, pessoa pobre e que não deu certo na vida. Ao longo da trama, Fernanda buscava emprego, inclusive pedindo ajuda diversas vezes a Téo.

Téo (Tony Ramos) pertencia à elite do Leblon, além de ser saxofonista em uma banda de jazz em um hotel na zona sul, tinha fama devido ao seu *status* financeiro. O músico era um dos donos da escola de ensino médio, a Ribeiro Alves. As principais preocupações de Téo se limitavam a uma crise no casamento com Helena (Cristiane Torloni) e cuidar de Lucas (Victor Curgula), seu filho “adotivo” de nove anos. O músico não tinha engajamento às causas sociais e alheio à violência da cidade.

Após ser atingida pelas balas perdidas, Fernanda é internada sem identificação em um hospital público. Téo, por sua vez, vai para o hospital público, mas logo é transferido para um hospital particular e sobrevive. A morte consolida as opressões da vida de Fernanda, que não teve nada além do amor de sua filha de nove anos. Téo, após “ver” a morte de perto, muda seu comportamento, passa a se envolver em causas sociais e assume a paternidade de Salete.

Manuel Carlos faz uma abordagem socioeducativa dentro da trama violenta e promove o diálogo entre ficção e a realidade na campanha “Brasil sem Armas”. O autor da trama trouxe para o debate a questão da violência urbana, que motivou a campanha¹¹ pelo desarmamento. Na campanha, Téo (Tony Ramos) lidera uma passeata, de cadeira de rodas, ainda se recuperando do ferimento do tiro na cabeça. Além de ser um instrumento de protesto, a campanha trouxe um momento de reflexão e diálogo com a nação. A ação teve apoio da TV Globo e do Movimento Viva Rio.

Balogh (2002) define esse tipo de campanha como “*merchandising social*”, no qual os personagens transmitem mensagens que “abarcam um espectro bastante grande de temas e problemas sociopolíticos” (Balogh, 2002, p.164). Essa transmissão de

¹¹ Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/noticia/acoes-socioeducativas.ghtml> Acesso: 13/05/2024

mensagens pode ser entendida como recurso comunicativo. Para (Lopes, 2009, p.19), a campanha é definida como ação socioeducativa, que seria definida pela veiculação de mensagens socioeducativas, de conteúdo ficcional ou real, podendo ser sistematizadas e com propósito definido ou espontaneamente percebidas pela audiência, que extrai ensinamentos e reflexões capazes de mudar seus conhecimentos, valores e atitudes.

Fernanda e Téo em meio ao fogo cruzado

O capítulo 150 da telenovela é marcado por uma expectativa: Téo irá revelar a Helena (Cristiane Torloni) que é pai biológico de Lucas (Victor Curgula), filho de Fernanda. Antes de seguir ao encontro, Téo dá uma carona para Fernanda e Salete. Ele deixa a menina na escola e segue com Fernanda pelo trânsito congestionado das ruas do Leblon. De repente, Téo e Fernanda ouvem tiros e percebem um conflito entre a polícia e bandidos. Com isso, o casal fica muito assustado e sem saber o que fazer. A situação complica, um tiro atinge o para-brisa. Téo e Fernanda resolvem sair do carro para fugir dos tiros, os dois correm. Téo recebe o primeiro tiro, é atingido na cabeça, Fernanda, perplexa ao testemunhar a cena, tenta fugir, mas é alvejada, os tiros atingem seu ombro e o peito, Téo e Fernanda ficam caídos no asfalto (Imagem 01). O cenário é de tiroteio, carros furados de bala, os pedestres observam os corpos. As vítimas são socorridas, Téo logo é reconhecido pelos paramédicos e autoridades presentes. Fernanda permanece no anonimato, seus pertences não foram recolhidos do chão. As vítimas são conduzidas até um hospital público. Durante o tumulto, um jovem rouba a bolsa e o telefone de Fernanda, que estavam largados no asfalto.

Imagem 01: Capítulo 150, Téo e Fernanda são vítimas de balas perdidas



Fonte: elaborado pelo autor, print Globoplay, acesso em: 14.04.2024

No hospital, Téo é reconhecido, o que gera uma desordem na recepção e Fernanda entra sem identificação. A família e os amigos se assustam quando Téo é anunciado como uma das vítimas. Após os primeiros socorros, Téo é transferido para uma clínica particular onde sua filha Luciana (Camila Pitanga) é médica. Fernanda é levada para cirurgia e permanece na UTI como indigente, até que um familiar seja contatado.

A tragédia no Leblon é a pauta do dia, a notícia é dada pelo rádio e também na TV. O assalto, a troca de tiros entre a polícia e bandidos e o envolvimento de Téo como vítima de bala perdida repercutem na mídia, entre familiares e conhecidos. A partir desse episódio, ocorrem comentários das personagens manifestando diferentes opiniões. A seguir, comentaremos os principais comentários relacionados à violência no Leblon. As falas destacadas ocorreram nos episódios que sucederam ao assassinato de Fernanda, nos capítulos 151 e 152.

Análise empírica: personagens e os comentários sobre a violência

Os comentários das personagens sobre a tragédia no Leblon apresentaram características distintas entre si no que se refere ao modo de compreender, aceitar a violência e suas causas. Faremos uma breve análise das principais opiniões selecionadas, com reflexões a partir do recorte de classe das personagens.

Helena (Cristiane Torloni) e a professora Santana (Vera Holtz) estão “presas” no trânsito após o tiroteio. Ao ouvirem a notícia pelo rádio do carro, tomadas de espanto, sem saber ainda quem são as vítimas, inicialmente não acreditaram em uma ocorrência desse tipo. Helena, perplexa com o acontecimento, comenta “meu Deus do céu, no Leblon!”, em seguida, a professora Santana, pondera, “no Leblon, um tiroteio no paraíso! Quem diria não é?”. Podemos supor que a fala de Helena e da educadora caracterizaram uma visão aristocrática, dando a entender que a violência seria algo pouco comum, talvez impossível de acontecer no bairro nobre. Esse pensamento designa a violência urbana como prerrogativa de comunidades e bairros pobres, essa visão é reforçada pela condição social da elite. Lorena (Suzana Vieira), dona da escola Ribeiro Alves, recebe a notícia de que Téo, seu irmão, foi baleado.

Assustada, ela se pergunta: “Como isso pode acontecer a dois quarteirões da nossa casa?”. O empresário Afrânio (Paulo Figueiredo) comenta “o Leblon tem o IPTU¹² mais caro do Rio de Janeiro!”. Com base na visão do empresário, podemos entender que a violência é um fator preocupante, mas a preocupação está na dimensão imobiliária, conseqüentemente aquela que desvaloriza os imóveis da região. Na telenovela, as famílias ricas viviam distanciadas da realidade, eram blindadas em suas fortalezas, como mansões e apartamentos de luxo com vista para o mar, guardadas pelos seguranças. Enquanto isso, a vida comum se desenrolava num campo minado de violências, lágrimas e dores. Fernanda (Vanessa Gerbelli), não resistiu aos ferimentos e morreu. Ela foi mais uma das vítimas do fogo cruzado entre a polícia e bandidos, entrou para a estatística da violência urbana, de morte por bala perdida. Téo (Tony Ramos), seu ex-amante, também foi baleado, mas sobreviveu. Fora da ficção, a violência urbana determina uma desordem convulsionada a uma sociedade acuada e temerosa.

¹² Imposto Predial e Territorial Urbano

Nos comentários em família, Flora (Carmem Silva), avó de Carlinhos, ao ouvir as sirenes da polícia, apavorada, comentou: “ai, meu Deus, é melhor ninguém sair de casa agora!”. O adolescente Carlinhos (Daniel Zettel) classificou a violência como “aquele faroeste¹³ de sempre do Rio de Janeiro”. Dóris (Regiane Alves), irmã de Carlinhos, comentou “isso tem todo dia em todo lugar, quem tem grana, vó anda num carro blindado e com colete à prova de balas!”. Nas falas dos adolescentes Carlinhos e Dóris, identificamos uma certa indiferença em relação ao tema violência urbana, logo, esse comportamento pode ser característico de quem habita em regiões onde a violência é rotineira e banalizada. Para Kehl (2004), a banalização da violência é aquela onde a segurança deixa de ser prioridade e assume um plano menos importante, essa mudança de paradigma normatiza a violência urbana. Em desacordo com o ponto de vista de sua neta (Dóris), Flora protesta: “Minha filha, não pode deixar encarar isso tudo como natural, é preciso protestar, sair às ruas e gritar!”. Carlão (Marcos Caruso) pai de Carlinhos concorda com sua mãe, reitera, “botar o povo na rua pra cobrar respostas e soluções!”. A violência alimenta ciclos que definem rotinas, tornam as ruas em campos de batalha sinalizando a desassistência do poder público, essa carência é muito mais presente nos subúrbios. As falas da empregada de Lorena, a doméstica Célia (Fabiana Carla) e do taxista Caetano (Paulo Coronato), portam traços da realidade social em que vivem, lugar onde o poder público “quase” não atua. Ao saber que Téo foi baleado, a doméstica de Lorena se mostra conformada com a falta de assistência do governo, principalmente nas regiões periféricas. A empregada, que tem o crime como algo banalizado, comenta que “se isso acontecesse na zona norte, ninguém se espantava, agora aqui, bairro chique, bala perdida parece coisa do outro mundo!”. Já o motorista de táxi “habituação” à violência nas ruas mostra um conformismo arraigado, defende que a preocupação com a violência é “bobagem, isso tá em todo lugar, no Brasil e no mundo inteiro!”.

Ao observar os comentários das personagens, são identificadas diferentes perspectivas acerca da violência urbana, medidas de prevenção e responsabilidades pela segurança pública. Verificam-se três narrativas que apresentaram aspectos distintos, talvez influenciados pela desigualdade e classe social das personagens. A elite vive segundo uma ética relativa situacional amparada em suas riquezas e poder político, não reconhece e não admite a violência em seu território, sugere que a violência seja

¹³ Faroeste: Gênero cinematográfico, onde há lutas e troca de tiros entre as personagens.

característica da periferia. Carlão está desempregado, é formado em economia, vive fazendo “bicos” como contador, ele tem consciência dos problemas econômicos e sociais da nação. Carlão e sua mãe são da classe média, a fala dessas personagens tem um apelo mais pedagógico e político, convocam os telespectadores a uma reflexão. Eles apresentam uma crítica, conscientizam a população, fazem um desafio e defendem que o povo não deve aceitar a violência urbana, deve protestar, cobrar das autoridades as devidas soluções. Quanto à população mais pobre, que são normalmente da periferia, aqui representados pela doméstica e pelo taxista, esses trabalhadores atuam nos bairros nobres. Essas pessoas são vítimas dos efeitos da banalização da violência, Kehl (2004), são oprimidas, não têm voz, suas convicções são formatadas pela cultura do medo nas comunidades em que vivem e também pela ausência do poder público. As falas da doméstica e do taxista sobre a violência urbana refletem o viés inconsciente do “sempre foi assim”, portanto, não será mudado. Essa perspectiva é fortalecida pela desigualdade, é favorável aos desgovernos e está enraizada no universo da população desprivilegiada. Essa narrativa nos aproxima da ficção, “o telespectador ‘reconhece’ e ‘se reconhece’ em várias dessas questões por tomar conhecimento ou mesmo vivenciá-las no ‘mundo real’” (Santos, 2018, p.43). Fora das telas, a insegurança atinge a todos, principalmente as pessoas das classes menos favorecidas. Na relação causa e efeito, a violência urbana é consequência das desigualdades sociais e desassistência do poder público.

Considerações finais

Vimos que a telenovela *Mulheres Apaixonadas* trouxe para discussão múltiplas tramas que abordam diferentes concepções de violências que dialogam com a realidade social brasileira. Muito além da ficção, a reprise da telenovela no ano de 2023 promoveu um debate relevante e atual, trouxe à consciência os problemas da nação, reforçou a necessidade da participação ativa da população no enfrentamento da violência urbana. Vimos também que o tema desarmamento era pauta na época da primeira exibição da telenovela e continua atual. Quanto aos manifestos e aos debates que resultaram em mudanças e novas leis a partir da primeira exibição da telenovela, os dados registrados sobre a violência mostram que ainda há muito a ser feito.

Quantitativamente, os casos de homicídios tabulados nas pesquisas atuais são fatos verificáveis que comprovam a insuficiência dos meios institucionalizados no combate à violência e desarmamento da população. Fernanda era pobre, sua morte não causou comoção na sociedade, Téo era da elite do Leblon, foi baleado, o evento reverberou na mídia e abalou a “alta” sociedade. Téo, mesmo de cadeira de rodas, participou do movimento a favor do Estatuto do Desarmamento, assim, supomos que na cena haja um apelo melodramático de engajamento social. A morte vista pelo viés do martírio encerrou os sofrimentos de Fernanda, serviu de instrumento para a construção de uma ação socioeducativa que desse sustentação a uma causa necessária para a sociedade, como o movimento Viva Rio, que apoiava a criação do Estatuto do Desarmamento. Quanto às cenas de violência urbana, assalto e bala perdida, que efeito isso pode produzir na cabeça do telespectador?

Sabemos que a nação possui culturas e classes sociais distintas, portanto, é possível que a mesma mensagem contida na narrativa violenta de Fernanda e Téo possua diferentes recepções. Assim, não se sabe se as cenas embrutecem ou sensibilizam o telespectador. Nesse universo diversificado, é possível que a narrativa tenha a essência enfraquecida em seu caráter de manifesto e instrumento de denúncia.

Bibliografia

- BALOGH, Anna Maria. **O Discurso Ficcional na TV: Sedução e Sonho em Doses Homeopáticas**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CASTEL, Robert. **La Inseguridad Social**. ¿Qué es estar protegido? 1º ed.- Buenos Aires, Argentina: 1º ed. Manantial, 2004.
- ESSLIN, Martin, **Uma Anatomia do Drama**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1978.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.
- KEHL, Maria Rita. **Televisão e Violência do Imaginário**. In: BUCCI, Eugenio e KEHL, M. R. Videologias. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Comunicação & Educação, [S. l.], n. 26, p. 17–34, 2003. DOI: [10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>. Acesso em: 7 maio. 2024.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela e Direitos Humanos: a narrativa de ficção como recurso comunicativo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009. Curitiba. Anais. Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-3347-1.pdf> Acesso em: 01 de Junho de 2024.
- MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e Realidade – A Construção do Cotidiano na Telenovela**. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.
- SANTOS, Ana Leila Melônio dos. **A Construção da Identidade Étnica Brasileira Através da Telenovela**. São Luís: EDUFMA, 2018.
- SANTOS, José Vicente dos. **Sociedade e Estado**. Brasília: Ed. MMFreire, 1995.
- WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.